

Caos, loucura e criação

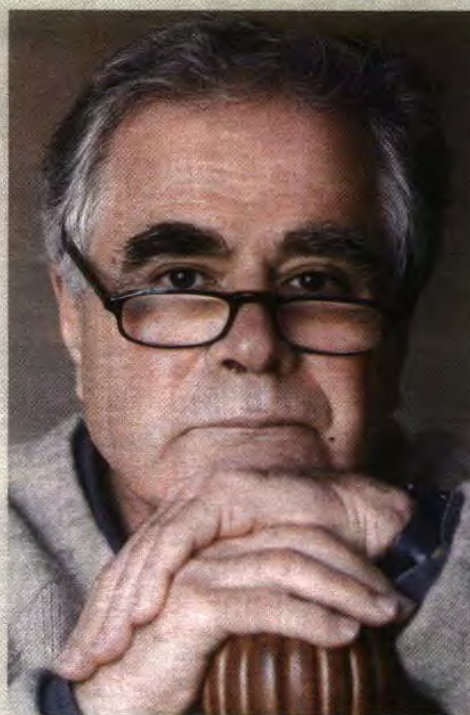
Artaud, Hölderlin, Walsler, Van Gogh, Schumann, Wittgenstein, são exemplos da História da arte e da cultura que interpelam o lugar comum da existência de uma loucura criativa, ou de uma linha fronteiriça muito tênue entre génio e loucura. É essa indecifrável ligação que vai estar no centro do Simpósio Internacional Bigger than Life, que terá lugar a 13, 14 e 15, no Centro Cultural de Belém, integrado na programação do LEFFEST 2015.

O propósito é “explorar as relações entre os mecanismos psicóticos e o processo criativo”, como adianta ao JL o curador do colóquio, José Gil. O filósofo faz notar que há uma série de trabalhos sobre o tema na perspetiva da psiquiatria e da psicanálise, mas carece-se de idênticas abordagens do ponto de vista da Estética. “O par criação e loucura é uma ideia que vem já do Romantismo e podemos analisá-la através de grandes criadores e pensadores. Interessa refletir sobre o fenómeno da irrupção criativa ou a ocorrência de uma grande produção relacionada com episódios de doenças mentais, não só psicóticos, mas também de depressão, melancolia, demência”, explica. “É isso que vamos tentar perceber. Por outro lado, todo o artista que quer criar uma linguagem própria, uma originalidade, é atraído por aquilo a que podemos chamar o caos. Perguntamo-nos também porquê esse apetite”.

Investigadores, psicanalistas, filósofos, críticos e criadores vão procurar respostas a estas questões. “Gostaríamos que houvesse uma descrição pormenorizada, um pensamento sobre esses mecanismos, sobre as razões de um caos destrutivo e de um caos ‘aproveitado’ para a criação”, sublinha ainda José Gil, autor de *Metamorfoses do Corpo*, *O Devir-eu de Fernando Pessoa* ou *Portugal Hoje*, o medo de existir. “O objetivo é abrir mais o campo da exploração estética da ligação do processo criativo a distúrbios funcionais, psíquicos”.

A investigadora pessoana, professora catedrática, ensaísta, poetisa e dramaturga Teresa Rita Lopes, Hélia Correia, Prémio Camões 2015 – com *Número dos Vivos*, *Insânia*, *Bastardia*, *Lillias Fraser*, *Adoecer*, *Vinte degraus* e outros contos e a *Terceira Miséria*, entre os seus livros –, o escritor brasileiro Bernardo Carvalho, autor dos romances *Teatro*, *Filho da Mãe*, *Reprodução*, entre outros títulos, a coreógrafa Vera Mantero são os criadores intervenientes no simpósio que terá um painel especialmente dedicado à análise de casos e experiências de criação. Participam ainda Ana Godinho, investigadora do Instituto da Linguagem da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o filósofo e poeta francês Arnaud Villani e o crítico de arte e professor de Estética e curador Bernard Marcadé. De França, virá também Bruno Monsaingeon, músico, escritor e realizador, autor nomeadamente de documentários sobre Glenn Gould e da edição do seu espólio literário, que irá justamente falar do pianista, um dos intérpretes mais geniais de Bach. E ainda Évelyne Grossman, professora e especialista em Teoria da Literatura, com estudos importantes sobre Artaud, a psicanalista e professora Françoise Davoine, que se tem dedicado particularmente às questões traumáticas, no contexto da criatividade, a historiadora de arte Lucienne Peiry, com trabalho destacado no domínio da Arte Bruta, diretora do Museu de Genebra, a conservadora e curadora Marie-Laure Bernadac, especialista em Picasso e o filósofo e ensaísta húngaro residente no Brasil Peter Pál Pelbart, cuja investigação cruza a filosofia contemporânea e a problemática da loucura, coordenando a companhia tetral Ueinzsz, constituída por pacientes psiquiátricos do hospital A Casa, de São Paulo, terapeutas, enfermeiros, atores, compositores, etc.

Trauma, Caos e Criação é o tema de outro painel, enquanto outros se ocuparão da Loucura e Criação e da Crítica e Clínica. Na discussão vão entrar tam-



José Gil Um simpósio internacional

bém aspetos sociais e culturais, a ideia de diferença, de desvio à norma. “O criador que entra na fronteira da loucura é um outsider, um estrangeiro e isso também tem que ser estudado, já que por outro lado está perfeitamente integrado”, diz José Gil, que irá encerrar as jornadas com uma comunicação em que por certo chamará à liça Fernando Pessoa e os seus heterónimos, sobre quem tem várias obras publicadas. “Pessoa examinou-se a si mesmo constantemente, o que lhe dá uma particularidade extraordinária. Tem a chance única de ter um criador genial com uma capacidade de criar e de se ver à lupa, com uma inteligência fantástica. O que ele descreve como processo criativo é verdadeiramente aplicável a toda uma região psiquiátrica. E tem uma criatividade permanente, outra ideia interessante. São múltiplas as questões a analisar”, observa.

No entanto, o filósofo irá centrar a sua intervenção sobre as questões do trauma e da criação, equacionando em particular a arte moderna que, em seu entender, tem implicadas de alguma maneira “percepções psicóticas da realidade”, o que é visível por exemplo no cubismo. “Como é possível Picasso? Há na sua pintura uma desmontagem da organicidade do corpo que é propriamente psicótica. E como surge essa percepção extraordinária, que aliás foi rejeitada como louca, repudiada. E como foi depois integrada, de tal forma que hoje vemos os seus quadros e achamos maravilhosos”, sublinha. “A abordagem minuciosa, molecular desses mecanismos pode constituir um enorme ganho no sentido da compreensão do fenómeno da criação”.

Paralelamente ao simpósio, irá decorrer um ciclo de filmes em que a problemática está de algum modo presente. Vão ser exibidos, entre outros, *Lilith*, de Robert Rossen, *Branca de Neve*, de João César Monteiro, *Camille Claudel*, de Bruno Nuytten, *Caravaggio*, de Derek Jarman, *En Compagnie d’Antonin Artaud*, de Gérard Mordilhat e Jérôme Prieur, *La Pianiste*, de Michael Haneke, *Lust for Life*, de Vincente Minnelli, *Ludwig*, de Luchino Visconti, *Der Idioten*, de Werner Schroeter, *Histoires de Fous*, de Mieke Bal e Michelle Williams, *Inland Empire*, de David Lynch, *Jaime*, de António Reis, *Poesia e Selvajaria*, de Vera Mantero, *Séraphine*, de Martin Provost, *Chant d’Amour*, de Jean Genet, e *Van Gogh*, de Maurice Pialat. JL